

AS ESTAÇÕES DA CALIGRAFIA DE DEUS

Autora: Adriana Delgado Santelli

O conto *A Caligrafia de Deus*, de Márcio Souza, apresenta uma estrutura que dialoga com a arte cinematográfica. Sua narrativa é composta de imagens, sons e cores que se movimentam diante de nossos olhos. O conto é dividido em três episódios: *Introdução*, *O Primeiro Cadáver* e *O Outro Cadáver*, episódios estes, que podem ser considerados independentes e lidos de acordo com a necessidade do leitor, não fosse a indicação no segundo episódio de *primeiro cadáver* e no terceiro de *outro cadáver*, embora isto não justifique rigor na leitura.

Poderíamos comparar o percurso da índia adolescente que sai de seu habitat e vai para a cidade grande, aqui uma Manaus em transformação urbana aguda, com o drama de estações de Strindberg - *Rumo a Damasco*. A relação de Izabel com A Missão dos Salesianos sempre foi ambígua. Irmã Lúcia a convence que seus dentes são desalinhados e amarelos, somente uma prótese dentária com dentes alvos e alinhados poderiam fazer dela uma perfeita moça da cidade. Izabel só deseja beijar, pois o beijo é o maior desejo do lábio assim cantado o músico e compositor Zeca Baleiro na balada *Bandeira*. A mutilação faz parte da normalidade. Iludida que beijaria com e sem eles, resolve arrancar todos os dentes. Quando coloca suas próteses dentárias trazidas “num carro alado”, um avião C47 da FAB, nenhum rapaz de Iauaretê – Cachoeira deseja mais beijar uma boca com dentes tão alvos e descartados a qualquer momento. Sofreu a repulsa de todos. O maior desejo de seus lábios jamais seriam satisfeitos. No mesmo C 47 da FAB, Pimentel parte rumo a um novo trabalho em Manaus no Colégio Salesiano.

Os personagens Izabel Pimentel, de Márcio Souza e o Desconhecido, de Strindberg vão se construindo a partir dos contatos que vão vivenciando durante suas trajetórias. Notamos que toda experiência passa a ser vista como destruidora, como se o presente e todos os acontecimentos passados se agrupassem para dar forma a um desenho macabro e desolador da existência humana. A violência física, principalmente na viagem de Izabel Pimentel transforma o desolador em barbárie diante do leitor. A transformação física violenta é a única regra possível para esta personagem, a única alternativa restante para quem deseja sobreviver num mundo amazônico, onde a religião dita as regras. Estas personagens são estranhas para si mesmas, suas identidades são perdidas, isto é, arrancadas no caminho ou melhor dito: forjadas. O Desconhecido, de Strindberg deseja a redenção através de uma mulher, mas isso é apenas alcançado pela transferência do mal. Izabel Pimentel deseja sua redenção através de um beijo, que jamais acontecerá. Ela se violenta arrancando todos os dentes, por sugestão e pressão da religiosa Irmã Lucia. De posse de uma dentadura, Izabel, marca em si o mal e apesar de se transformar numa prostituta da Manaus “moderna”, por ironia do destino e desatino das coisas jamais será beijada. O Desconhecido vai se construindo através das estações pelas quais passa. Sua identidade se molda com a de qualquer um, entretanto marcas serão deixadas durante a busca da fadada redenção. A religião e o quanto ela pode agredir e massacrar o sujeito são

postas em questão nas duas obras, vide o título de Strindberg: *Rumo a Damasco*. A viagem de um homem através da história de sua própria existência que confronta com a experiência existencial de seu tempo. Um personagem - símbolo do conflito interior que busca o último grito de honra e redenção. Se o caminho marcado por esse personagem constrói uma história marginal não podemos afirmar, porém as estações desta travessia marcam profundamente a idéia fragmentária na construção de personagens e estruturas narrativas.

Evidenciamos a identificação de uma nova idéia de tragédia a partir do jogo do homem/sociedade onde ficam expostos os labirintos percorridos por Izabel Pimentel até ser identificada como Índia Potira ou Izabel Pirada, a que usa calcinha verde limão. O percurso de Izabel Pimentel é o da morte, a verdadeira redenção para os que transitam a margem daquilo que pretendemos chamar civilização.

A *Caligrafia de Deus* nos revela a estrutura de um conto analítico, como a idéia de flash-forward: “a inserção em um ponto da narrativa de uma seqüência relatando acontecimentos posteriores àqueles das duas seqüências que o cercam (se essa seqüência é breve falaremos de flash-forward, salto brusco para frente).” (AUMONT, p.131). Os dois assassinatos nos são apresentados e no decorrer da narrativa serão explicados bem como a história das personagens. Com uma escrita rápida, Souza inventa sua estratégia de (des) construção da cidade de Manaus e de sua anti-heroína Izabel Pimentel. A anti-heroína vai perdendo todas as suas características de formação por uma imposição violenta. Indígena, amazonense, interiorana e catequizada, segue rumo a sua própria aniquilação. Deparamos-nos com a idéia da “pós – modernidade “ (HALL, p.23) de formação do sujeito descentrado, em conflito com o local e o universal, num discurso ao mesmo tempo ensimesmado e global, dono de uma concepção híbrida ou melhor dizendo, crioula em sua formação. Podemos aproximá-la também, dos personagens de Baal, de Brecht e de Woyzeck, de Büchner, anti-heróis que caminham solitários e desiludidos em busca da morte. Caminho revelador do cotidiano insignificante e marginal que ratifica a falta de esperança na existência humana. Izabel Pimentel é heroína desconstruída com o desejo de ser beijada, cujo fim trágico será a morte redentora, pois “*Deus escreve certo por linhas tortas*”, uma biografia sem ilusão. Personagens segregados, marginais provocadores do sistema vigente e que evidenciam um destino trágico de morte e/ou solidão nos dizem que é possível errar, que é possível viajar e não se chegar a lugar algum.

Izabel Pimentel morrera como nascera sem saber porque fora batizada com este nome, mas com uma única certeza que “*Deus escreve certo por linhas certas*”. Filha de um pai índio baniwa que passava o dia bebendo uma mistura de água e álcool, como todos os homens do local. Sua mãe era uma índia tukano invariavelmente espancada pelo marido duas vezes por ano: uma no Natal e a outra no dia de Nossa Senhora. Alguns de seus dedos eram inutilizados em decorrência da agressão. Todas as mulheres da região tinham os dedos inutilizados por seus maridos. Uma espécie de ritual bárbaro da localidade (Iauareté - Cachoeira). As mães mostravam a mutilação às filhas quando estas falavam em casamento. Izabel escapou do casamento, mas não da influência das revistas que chegavam do Rio de Janeiro com histórias de amor, belas casas e encantadoras heroínas casamenteiras. As

revistas pertenciam às suas colegas da Escola Salesiana, da Missão de São Miguel, pois a Izabel não era permitido a compra das tais revistas. Eram sempre inebriantes as fotografias com beijos “*uma vez que esta instituição não era comum no Rio Negro*”.

Seu pai morrera quando ela estava para terminar o primário. Seus bichos de pé infectaram e ele foi tendo a perna amputada até a morte. A vida fez com ele o que ele sempre fazia com sua esposa. Só que a amputação pela doença faz parte de uma justa causa e a outra mostra a “causalidade” das atitudes repetitivas e violentas que se tornam culturais. As digitais e a identidade eram fraturas como uma sina intocável. A morte do pai nada significou para a nossa anti - heroína, pois “*Deus escreve ...*”.

No terceiro episódio aparece o personagem Catarro, amante de Índia Potira ou Izabel Pirada, segundo os periódicos locais da cidade de Manaus. Conheceram-se num cine de terceira e Potira como sempre, nunca parava de repetir que Deus escreve certo por linhas tortas. Catarro nunca se rendeu ao seu pedido de beijo. Batia-lhe muito (o que ela gostava), afinal sua vida sempre foi assim, uma pancada a mais uma pancada a menos nada significava, desde que saísse o tal beijo. Antes de trabalhar na boate *O Selvagem* passou por uma fábrica de vídeo cassete Sayonara Eletrônica, onde ao fim do expediente um homem da segurança lhe enfiava o dedo nas partes genitais para saber se ela carregava alguma peça da linha de montagem. Violência por violência, dedada por dedada, era melhor ir para a zona ganhar dinheiro com isso. À sua aparência física, como em uma bricolagem apareceram: uma dentadura magnífica, uma calcinha verde-limão rendada, um vestido de brocado japonês e uma nova profissão que valorizava seus peitinhos em forma de cone.

Manaus passava pela grande *Operação Zona*, devido a um assalto ao trem pagador da Indústria de Rádio Isagawa. Catarro e Índia Potira não estavam envolvidos, contudo deveriam seguir seus destinos e ratificar a maravilhosa ação da polícia local. Potira e sua calcinha verde limão rendada encontravam – se abandonadas na cena do crime. Ela com um certo tiro na nuca. Catarro, por sua vez, numa estonteante caçada policial pela cidade é alvejado, indo se juntar a esta cena de crime com a bexiga cheia. No passo derradeiro seus esfíncteres se abrem.

O humor mordaz, rascante e irônico apresentados na construção de nossa anti-heroína reforça o traço de uma vida bandida e banida. Há um evidente conflito na construção de uma identidade forjada sob a insigne da violência. As marcas dessa força são impressas, grafadas, mal escritas no corpo de Índia Potira. Claro que além de escrever por linhas tortas Deus tem uma péssima caligrafia como nos diz Márcio Souza. Aventamos a possibilidade da escrita e da caligrafia não serem tão tortas assim. O problema é a superfície em que ela faz a sua materialidade: o corpo humano. As curvas e retas do contorno corporal dificultam toda e qualquer impressão correta. A escrita é violentamente cruel, apresentando-se com marcas profundas no corpo do sujeito que de há muito não existe mais. Índia Potira sempre foi uma estrangeira em seu meio. Suas profundas cicatrizes sempre materializaram suas conquistas marginais de resistência e sobrevivência. A cristalização de uma identidade deve ser feita através de um confronto dialético, onde em um momento inicial de estranhamento se transforma num momento final de re-familiarização. Neste conto observamos uma

construção impositiva sobre as personagens, principalmente nas ações de integração realizadas a partir da socialização monocultural, quando nos atemos para a relação da Igreja com os povos amazônicos. Identificar o diferente e recuperar a identidade perdida a partir deste contato nunca foi a proposição das instituições vigentes, interessadas na normalização de comportamentos e posturas com a justificativa de manutenção da civilização e do convívio social. “Será possível pensarmos em uma forma de compreensão do outro que não tenha vinculação econômica, domínio e poder?” (LARROSA, p.84). Izabel Pimentel não apresenta absolutamente nada a não ser a si mesma, uma pura presença que burla, subverte e denuncia. Ela é a imagem precisa e inquietante de todo o desenraizamento que paira sobre a construção da Amazônia contemporânea e de seus novos descobridores.

Como nos comportamos diante dos “acazos” narrados por Souza? A criação de um imaginário tecnológico anteposto a um imaginário mitológico subverte o confronto de cronistas, escritores, viajantes e nós mesmos diante do anfiteatro amazônico, ao qual sempre seremos submissos. O determinismo da geografia começa a apresentar suas frestas. A narração do caos urbano/selvagem aponta para uma ruptura na escrita amazônica. Recebemos um convite para revisita-la, não mais com um olhar líquido e sim com um olhar aéreo e etéreo.